

APRESENTAÇÃO DA ENTREVISTA POR BRUNA SILVA

Em 2012 ingressei no Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, com o projeto de desenvolver uma pesquisa sobre a historiografia na *Revista História: questões e debates*. Logo percebi a especificidade e complexidade do projeto historiográfico ali esboçado, pois congregava discussões locais, problemas nacionais e o debate teórico-metodológico internacional. O fio que conduz a minha análise por territórios tão diversos, mas estratégicos para a construção e legitimação do conhecimento e de seu grupo produtor, são as regiões, que são criadas e revisitadas na escrita dessas histórias.

Por conseguinte, o conceito *região* é problematizado na pesquisa, pois a Revista é fruto de uma preocupação da Associação de Professores Paranaenses de História – APAH, com a escrita e com o ensino de história. A pesquisa com recorte temporal entre os anos 1980 a 1989, objetiva perceber como se constroem regiões através da Associação Paranaense de História – APAH, juntamente com a escrita dos artigos publicados na revista. Portanto, perceber *região* no seu sentido complexo, ou seja, para além das fronteiras geográficas. É importante ressaltar que tal periódico começou a ser publicado no início dos anos 1980, momento em que a historiografia do Departamento de História da UFPR, passava por profundas influências e transformações metodológicas.

Para prosseguir a pesquisa, foi necessário realizar entrevistas com os historiadores envolvidos com a Revista, entre eles se fazia crucial conversar com o professor Carlos Antunes dos Santos, idealizador da Asso-

ciação Paranaense de História, e mais tarde, da *Revista História: questões e debates*.

Na manhã de 03 de dezembro de 2012 tive o prazer de entrevistá-lo. Professor Carlos me contou gentilmente sobre sua trajetória intelectual, mas também sobre a sua vida pessoal. Era notável o orgulho com que falou das suas pesquisas, das dificuldades em publicar um periódico naqueles anos e dos embates nos anos da ditadura militar no Brasil. Nesta entrevista, hoje documentação da minha pesquisa, que divido com os leitores, é possível notar que a vida pessoal e profissional eram inseparáveis para este intelectual, que dedicou a maior parte da sua vida à História.

Bruna Silva

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História
pela Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO.

Orientadora: Prof^a Dr^a Beatriz Anselmo Olinto.

ENTREVISTA

Bruna Silva: Professor, meu nome é Bruna Silva. Estou no Edifício Dom Pedro I, da Universidade Federal do Paraná para entrevistar o professor Carlos Roberto Antunes dos Santos, no dia 03 de dezembro de 2012, às 09 horas e 30 minutos. Primeiramente, agradeço mais uma vez ao senhor por se dispor a conversar comigo. Essa conversa é uma entrevista temática que será documentação para a minha pesquisa em nível de mestrado, a respeito da *Revista: História Questões e Debates* com o recorte temporal entre os anos 1980 e 1990.

B.S.: Professor, antes de falar da revista eu gostaria que o senhor falasse sobre a sua vida:

Carlos Roberto Antunes dos Santos: Meus pais são naturais por Porto Alegre, vim quando criança para Curitiba. Meu pai trabalhava com esporte, lidava também com comércio e, então, ele se mudou para Curitiba. Ele gostava muito de jogar futebol também. Ele acabou vindo e montou o primeiro time do Clube Atlético Paranaense, se chamou Furacão, meu pai que fundou o Furacão, que hoje é famoso. Foi campeão invicto! Quando nós viemos para Curitiba eu tinha cinco anos e fixamos residência aqui e fiquei. Portanto, a minha relação com Porto Alegre, Rio Grande do Sul praticamente termina aí. A partir de então, toda a minha vida foi vivida em Curitiba, no Paraná. Tenho parentes em Porto Alegre, fui muitas vezes, mas sempre fixando residência em Curitiba. Me considero paranaense. Eu já moro há muitos anos em Curitiba. Fiz meus estudos, tanto no

ensino fundamental, como no ensino médio e no superior no Paraná, em Curitiba. Eu estudei, antigamente chamava-se primário, eu fiz no Instituto de Educação. Depois fiz o ensino médio no Colégio Estadual do Paraná. Que na época, se chamava ginásio científico, e curso superior fiz aqui na Universidade. Fiz história. Fiz a graduação, depois fiz o mestrado, a primeira turma de mestrado aqui do nosso programa, foi 1972, eu fiz parte dessa primeira turma de alunos. Eu defendi em 72... em 72 também eu fiz concurso para universidade, para professor e fui aprovado. Passei a integrar o corpo docente da Universidade como professor assistente, através do concurso de provas e títulos. Depois de dois anos eu defendi meu mestrado, me tornei mestre em história do Brasil, com a dissertação intitulada “Preços de escravos na Província do Paraná”, que era um tema bastante novo, inovador na época. Não se tratava de trabalhar com escravidão, mas sim com preços de escravos, e isso envolve história econômica, história social, história demográfica e depois eu recebi um convite de um professor que lecionou no nosso mestrado, o professor Fredéric Mauro. Ele me convidou para fazer doutorado na França. Logo que eu defendi o meu mestrado fui para França e comecei meu doutorado. Na França, na Universidade de Paris X Nanterre, e, portanto, entre os novos professores eu era o primeiro, me transferindo, quer dizer... um pouco ousado, em fazer um doutorado fora. Eu fui com uma bolsa CNPq e fiquei quase três anos fazendo doutorado lá em Paris. Depois defendi o doutorado, foi tudo super bem. Voltei para Curitiba, reassumi as minhas atividades na Universidade, passei já como doutor. Doutor em história. Voltei a trabalhar no Departamento de História, agora como professor também de Pós-Graduação. Então comecei a orientar mestrado e doutorado. Já em 1980

uma estudante, minha orientanda defendeu mestrado. Portanto foi minha primeira orientação, 1980, de uma moça chamada Vera. Ela trabalhou com os orçamentos da Província de Santa Catarina. E depois de lá eu continuei envolvido com atividades acadêmicas. Com atividade de pesquisa do departamento, publiquei vários trabalhos. As pessoas conhecem o meu currículo. E depois eu acabei tendo também uma atividade de representação e fui eleito Representante dos Professores Assistentes junto ao Conselho Universitário, Conselho de Licitação da Universidade e depois, por uma vontade coletiva de um grande grupo, eu acabei presidindo algumas assembleias na Universidade que decretou a primeira greve de professores da Universidade em função de problemas salariais e problemas com a universidade: falta de recursos pra Universidade, falta de autonomia da universidade, montamos um grande movimento. A primeira greve de professores, e então, eu acabei saindo como candidato à presidência da Associação dos professores. Ganhamos! O outro candidato era o ex-ministro Ivo Arzua, mas nós ganhamos a eleição. Eu fui presidente da Associação dos professores da Universidade. Depois da minha gestão, voltei para França pra fazer o pós-doutorado, fiquei dois anos na França fazendo pós-doutorado e depois voltei, retomei novamente as atividades aqui no Departamento, e continuei orientando mestrado, doutorado, tcc, etc. E depois eu saí candidato à Direção do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Fui eleito. Fui diretor aqui do Setor, e depois saí candidato a Reitor, e também ganhei a eleição, nas três categorias, professor, estudantes e funcionários. Então eu fui Reitor da Universidade no período de 1998 a 2002, quatro anos como Reitor. E depois, quando terminou meu mandato o atual Senador, Cristavam Buarque, que era Ministro da Edu-

cação. O primeiro Ministro da Educação do Governo Lula, isso foi em 2003, me convidou para assumir a Direção da Secretaria de Educação Superior do MEC, e eu fiquei com Cristovam, então, como Secretário da SESU. SESU é a secretaria por onde passam todos os temas relacionados com a educação superior, as universidades, seja pública, privada, confessional, e as faculdades... núcleos, etc. Enfim, toda parte de educação superior passava pela SESU. Eu fiquei na SESU durante o tempo em que o Cristovam ficou como Ministro, depois quando o Cristovam saiu, eu voltei a Curitiba, não quis mais continuar. Pois a minha relação no MEC era diretamente com o Cristovam. E depois, retomei as atividades do Departamento, fui Chefe do Departamento, Coordenador do Programa de Pós-Graduação aqui do Departamento. E agora eu sou Líder do Movimento *Slow Food* no Paraná, que é um movimento internacional. Então toda essa atividade de representação administrativa, tudo isso acompanha uma atividade acadêmica, fazendo minhas pesquisas, publicando, dando aulas, orientando mestrado, doutorado, tcc. E viajando muito, participando de muitos congressos. E recentemente, coordenando o nosso grupo de história e cultura da alimentação. Essa é a nossa área aqui. Essa é uma área nova no campo da historiografia brasileira, fomos nós pioneiros, nós que começamos os estudos, história e cultura da alimentação. Hoje, claro que se têm grupos na USP, na UFMG, na UFRJ, na PUC de São Paulo, mas antes nós éramos sozinhos e hoje a vemos com muita satisfação se criar novos grupos de história e cultura da alimentação. Então aqui, temos um site, história da alimentação, que publica e que divulga todas as nossas atividades. Nós já temos, Bruna, pra você ter uma ideia: 14 teses, 14 doutorados, 18 dissertações, portanto 18 mestrados já defendidos na área de

história e cultura da alimentação. Fora, mais ou menos uns 20 tcc's. Essas monografias de final de curso, sempre na área de história e cultura da alimentação. Então, eu sou coordenador do grupo que desenvolve essas atividades sempre orientando mestrado, doutorado etc. Bom, toda essa vida foi, como eu disse, uma vida acadêmica, intelectual de muita representação, atividade administrativa, mas também uma vida que teve... como é que eu posso dizer? Construída com muito espaço político universitário, muita política universitária, e em final dos anos 70 e início dos anos 80 nós vivemos no campo da ciência histórica mudanças bastante profundas, que já vinham com a Escola de Annales. E aqui já tínhamos fortes conhecimentos, trabalhos, e dos estudos da Nova História. Começa lá com Marc Bloch, Lucien Febvre e depois Braudel, Chaunu, meu próprio orientador, Mauro que foi orientando do Braudel. E quando eu fui pra França Braudel foi meu co-orientador. Estábamos vivenciando todas essas mudanças que aconteciam na história. E principalmente a partir dos anos 70, com uma implosão que vai acontecer na história, aonde de repente tudo é história, novas abordagens, novos objetos, etc. E isso nós vivenciamos. Nós estávamos vivenciando todas essas mudanças, todas essas transformações e todos esses desafios. Então foi, mais ou menos com esse espírito, que nós criamos no final de 79, início de 80 a Associação Paranaense de História. A gente achava que a Associação era algo uma entidade representativa dos historiadores do Paraná. Ela estava fazendo falta, uma associação que também divulgasse. Que pudesse fazer uma divulgação de tudo que se fazia, e ao mesmo tempo, também de enfrentamento político. Naquela época o governo militar veio com os Estudos Sociais, que eram digamos, uma espécie de espaço dentro da área

de Ciências Humanas de curta duração. Toda a área de ciências humanas, a história, a antropologia, sofreram com isso por que afinal de contas, seria dado uma prioridade aos estudos sociais em detrimento destas áreas do conhecimento que já tinham uma tradição e que estavam em pleno processo de revolução dos anos 70, início dos anos 80 aqui no Brasil. Portanto, a APAH, a Associação Paranaense de História ela emerge exatamente desta conjuntura, que é uma conjuntura bastante interessante. Uma conjuntura até que meio revolucionária, por que nós resolvemos criar uma associação que pudesse ter essas finalidades, esses atingimentos. E quando nós criamos a APAH, final de 70, início dos anos 80, 79-80, nós resolvemos, também, não apenas que ela fosse uma entidade de representação de professores, historiadores, etc. Mas que também, tivesse uma intervenção política na sociedade. Então na época, passamos a apoiar e se reunir com grupos também de resistência a ditadura como nós. Grupos que procuravam até com certa ousadia enfrentar da maneira que cada um pudesse enfrentar, o autoritarismo a repressão, etc. Eu me lembro que a APAH organizou um movimento em defesa de várias banquinhais no centro da cidade que eram implodidas, por que elas divulgavam literatura alternativa, de resistência etc. Pessoas ligadas ao Comando de Caça aos Comunistas, iriam explodir as banquinhais etc. Fizemos um grande movimento público em plena Rua das Flores, no sentido de defender a liberdade de expressão enfim... A APAH foi isso, foi uma entidade que não só buscou discutir, mas propor questões ligadas com esta revolução na história, com essa nova história que estava acontecendo. E foi interessante e ao mesmo tempo também se tornar um *locus* de representação e de participação de vida política de Curitiba, do Paraná e do

Brasil. Não queríamos ser um sindicato, isso nunca foi nosso objetivo e nunca fomos. Na verdade, o que nós queríamos realmente, é que com essa chamada *Associação Paranaense de História*, pudéssemos ter uma presença marcante no âmbito dos historiadores, mas também no âmbito da sociedade. Então veja, que uma decisão que foi muito importante foi publicar uma revista que pudesse expressar tudo isso, que pudesse expressar as novas concepções metodológicas sobre a história. Essa revolução que estava acontecendo no campo da história, no campo da historiografia. Aquela visão de que as fronteiras do conhecimento estavam quase desaparecendo. O conhecimento era um conhecimento cada vez mais interdisciplinar. A história pela história não se aceitava mais, nem a sociologia pela sociologia, nem a antropologia pela antropologia e assim por diante. Mas ao contrário, um diálogo permanente entre as mais diversas áreas do conhecimento, fazendo com o que o produto fosse realmente, digamos assim, um produto que fosse um pouco híbrido, por que afinal de contas foi resultado de um diálogo interdisciplinar. Então a revista da APAH expressa exatamente isso, sem deixar de ter uma postura política de defesa da democracia contra a ditadura. Surgimos justamente na ditadura militar, então tudo isso expressou um momento importante. Veja que o primeiro número da nossa revista, a revista número 1, tem um fundo bastante social. Ela traz um senhor, a vida rural. Isso aqui é janeiro/fevereiro de 1980, número 1. Eu fui o primeiro presidente. A parte introdutória mostra os motivos, as razões pelas quais a Associação Paranaense de História está sendo criada e o quê ela expressa. Novas metodologias etc. O número dois já traz um estudo pela capa. Diversas pesquisas na área da demografia histórica, da família que era um tema muito novo

no campo da historiografia. Estudar a família, fazer uma arqueologia familiar, a partir daí. Então a capa é parte de uma expressão étnica do povoamento etc. ela é ao mesmo tempo também, a parte da arquitetura, dos lambrequis etc. Aqui, só nesta capa você faz uma leitura muito ampla, de toda uma mudança que está acontecendo no campo da história, da historiografia. A terceira já é um pouco da festa da história. Não só as questões cívicas. Hoje nós estamos na edição 56/57 [da Revista História questões e debates] por aí, ela passou muitas vezes a ser temática, tratando exclusivamente de um único tema. Sempre com a preocupação de buscar também, trabalhos do exterior. Hoje as nossas revistas são publicas com pelo menos 4 ou 5 trabalhos do exterior, mais os nossos trabalhos não só aqui da Federal do Paraná, várias universidades, vários outros historiadores etc. Então tudo isso, Bruna, expressa mudanças, expressa transformações, e eu acho que foi muito importante viver isso, isso é uma coisa muito fascinante, pois trouxe ao mesmo tempo no cotidiano desafios, ousadias, para poder enfrentar as coisas que estão postas etc. Isto mostra, eu diria assim, uma vivência, muito, muito interessante, por que depois nas próprias revistas da APAH as próprias questões ideológicas, do ponto de vista, digamos, da ciência, etc. elas foram sendo absorvidas, então se vê que vai ter aqui dentro do próprio departamento pessoas ligadas a esquerda e até a direita. Aqui dentro da revista você vai ver que tem textos das mais diversas origens ideológicas.

B.S.: Há de debates, não é professor? Eu li um texto do professor Odilon respondendo um artigo...

C.R.A.S.: Tem no nosso Departamento a área mais conservadora, Cecília Westphalen, Altiva, elas tem textos aqui. Então, isso conseguimos, mesmo tendo uma postura política, etc. Mesmo aqui no departamento, mas isso, do ponto de vista da produção científica, da produção acadêmica houve sempre muito respeito. E acho que, por isso, o Departamento de História é o que é hoje, é um espaço realmente de um enorme congraçamento intelectual.

B.S.: Professor, o senhor falou que no começo que estudou o preço dos escravos. A sua dissertação foi sobre esse tema. Como foi professor este estudo? O senhor estudou sempre nessa área? Como foi que o senhor se interessou pela história da alimentação?

C.R.A.S.: Eu comecei estudando escravidão, por que havia um grande programa aqui no nosso departamento, que era de levantamento e arrolamento de arquivos do Paraná. O Departamento de História da Federal do Paraná foi pioneiro no Brasil nessa área de levantamento e arrolamento de arquivos. Arquivos locais, regionais etc. E eu participei, fazia parte das equipes que iam fazer os levantamentos em arquivos notariais de cartórios, arquivos eclesiásticos da Igreja, de paróquias etc. arquivos de nascimento, casamento, óbito etc. arquivos administrativos de prefeituras, de câmaras de vereadores, arquivos da área do legislativo. Também, arquivos comerciais, das associações comerciais. Nós fizemos um grande trabalho comandado, naquela época pela Cecília e pela Altiva de levantamento de arquivos e depois apresentamos isso numa ANPUH, numa ANPUH em Campinas. Algo assim, altamente inovador. Foi notícia no Brasil

e no exterior, de como preservar os documentos. É claro que a gente teve pontos altamente positivos, mas também negativos. Chegávamos para fazer levantamento e os arquivos estavam absolutamente... não serviam nem pra pesquisa mais. Houve um caso no litoral, numa época, um prefeito de uma cidade vendeu os arquivos, os considerados papéis velhos para uma fábrica de fogos de artifício. Então, muita coisa se perdeu, mas muita coisa conseguimos preservar. Então foi trabalhando nesse levantamento que eu estive, por exemplo, em São José dos Pinhais, aqui no Fórum de São José dos Pinhais, na área cartorial, cartórios etc. e lá eu encontrei registros, livros com registros de compra e venda de escravos aqui na região. Eram uns registros extremamente ricos, por que apresentavam quem comprava e quem vendia, as condições etc. As condições do escravo, saúde, preço, local, o ofício, a cor. E é muito interessante, e o que aconteceu é que eu fiz o levantamento dessa documentação e depois encontrei mais documentos sobre compra e vendas de escravos no 1º Tabellionato de Curitiba, no Taboão, e depois eu fui para o interior, consegui no litoral do Paraná, em Antonina, Morretes, em Paranaguá e depois na Lapa, em Castro, em Ponta Grossa, em Rio Branco. Enfim eu consegui digamos assim, um amplo acervo documental sobre registro de compra e venda de escravos que me permitiu fazer a dissertação de mestrado, no sentido do que concorria para a definição do preço do escravo, se era ofício, se eram as condições físicas, se era o local, se era o período em que ele estava sendo transado... a transação do escravo, se era o ofício, se era a cor ou até mesmo as condições de saúde etc. Então me deparei com uma documentação extremamente rica, em que pode-se fazer diversos estudos. Eu trabalhei com preços de escravos, na área mais econômica e

social. O mestrado fiz com essa temática e depois quando o professou Mauro me convidou, que eu fui para a França fazer o pós doutorado. A minha ideia já era fazer um trabalho sobre economia e sociedade escravista no Paraná, até por que existia aquela concepção de que não houve escravidão no sul do Brasil, e, portanto, de que não houve escravidão no Paraná. A final de contas o sul do Brasil é loiro é branco etc. então isso é uma concepção que vinha já de Wilson Martins e outros historiadores mais conservadores, mais tradicionais, e então, o trabalho era mostrar que não era o número de escravos que definia o modo de produção, mas era o sistema, a estrutura do sistema etc. Levei para a França micro-filmes, fichas etc. para estudar economia e sociedade escravista no Paraná, e lá, quando desenvolvi minha pesquisa, meus estudos etc. eu, como eu disse para você, meu orientador era o Frédéric Moreau e meu co-orientador era o Braudel. Aí o Braudel um dia falou assim pra mim: “Carlos! O que é um conto de réis? O que significa valer um conto de réis?” Se ele é do litoral ele é carregador no porto, se é da área rural, digamos que ele é plantador, essas coisas assim, mas isso não é o suficiente. O importante é você fazer alguma comparação com outros elementos da sociedade. Aí discutimos e ele falou: “por que você não faz comparação com o preço da carne que tinha criatório e com o preço da terra”. Então comparar o preço do escravo, com o preço da terra, e com o preço da carne. A terra era a braça quadrada, a terra mais valorosa aqui era um preço bastante significativo, e a medida era a braça quadrada. Então, eu fiz uma comparação, um levantamento e consegui. Eu fiz essa comparação entre o significado do preço do escravo, com o preço da terra e com o preço da carne. E foi muito interessante, esse foi um dos momentos em que fui muito elogiado

na defesa. Bom! Aí, Bruna, é que fazendo o estudo sobre o preço da carne que eu comecei a me interessar pelo preço dos alimentos, esse foi o gancho. Por que depois vai ver que aqui, [na Revista História: questões e debates] em 1980 já tem um texto meu. Veja, já tem um texto meu sobre gêneros alimentícios. Então isso foi um gancho. Eu voltei pra Curitiba e comecei a estudar gêneros alimentícios, alimentos, comida, que é diferente de alimentos etc. Daí eu fiz a minha tese de professor titular. Hoje a universidade quase não tem professor titular, são muito poucos. A minha tese de professor titular, que é o mais alto grau na carreira, exigia prova escrita, prova didática, defesa de currículo e defesa de tese. Então tinha que preparar uma tese pra professor titular. E a minha tese foi “Alimentar o Paraná Província”. Essa foi a minha tese, em 92 eu a defendi. Foi uma semana de provas, a última foi a defesa. Então, a partir daí a passei a ter contato com os professores da universidade, que queriam estudar, e passaram a fazer mestrado e doutorado sobre a minha coordenação. Enfim, foi a história. A história começa em 96, com a Solange fazendo um estudo sobre história e cultura da alimentação com base nos cadernos de receitas das famílias curitibanas. Aqueles cadernos que passam de mãe para filha, com as receitas meio que em segredo. Aquilo que o Gilberto Freyre chama de maçonaria das mulheres, uma coisa assim... então o primeiro trabalho é com a Solange, depois vem a Maria do Carmo, que também era professora aqui, foi minha orientanda e fez um trabalho sobre os bares na cidade de Curitiba nos anos 50, ela faz um estudo muito interessante. E de lá pra cá, como eu disse, muitos mestrados, muitos doutorados. Enfim, todo ano tem defesa. Enfim...

B.S: Professor, e esse movimento *Slow Food*, como funciona?

C.R.A.S.: Na verdade é, assim, já que estamos muito ligados com essa área de alimentação, com essa área da comida, pois, a alimentação é uma coisa mais biológica. E a comida é alguma coisa que nos faz pensar. Que nos leva a memória do gosto, à memória gustativa etc. Então vivenciado esse espaço, e é um espaço que tem muita temática. Um dos espaços interessantes é este universo da dietética que estamos vivenciando hoje. Um discurso moderno sobre a alimentação passa pela questão da saúde, a questão de vivenciar uma boa refeição, uma boa comida, um espaço de sociabilidade e tudo mais. E estudando a questão da dietética entra a questão da boa alimentação, da alimentação saudável. Que é o que está posto hoje. Hoje as pessoas fazem de tudo para ter uma alimentação saudável. E, o *Slow Food*, foi um movimento criado nos anos 80, na Itália, por Carlos Petrini, por que se abriu um Mac Donald's do lado das muralhas romanas, aí os romanos ficaram revoltados com isso. Não conseguiram derrubar o Mac Donald's e criaram então o movimento *Slow Food*, que é a antítese do *fast food*. *Fast food*, é a expressão de uma sociedade que quer resultados imediatos, que não quer perder tempo; perder tempo é perder dinheiro. E a comida passou a ser assim, algo de rotina, como você tomar banho etc. Então, na verdade esse espaço, da boa alimentação, da alimentação saudável, o *Slow food* trazia consigo. E fomos nos aproximando cada vez mais desse movimento. Ele era comandado pelo Celso Freyre, aqui em Curitiba. Cada lugar tem um convívio, chama-se convívio do *Slow food*. Aqui foi criado o convívio Província do Paraná. Província, pois era como se chamava o Paraná antigamente. Mas o movimen-

to estava muito parado, aí veio o convite para assumir a direção do *Slow Food*, eu aceitei. Desde que fosse com um grupo dinâmico. Então foi a partir daí que nós conseguimos. Faz dois anos que eu sou o líder do grupo. Não é presidente, se chama líder do grupo *Slow food* aqui no Paraná. Aumentamos o número de membros. Vou te mandar um convite para segunda-feira que vem, se você estiver por aqui, vamos fazer um debate. Será o dia mundial da alimentação, dia do Terra Madre Day, então Dia da Mãe Terra. Vamos fazer um debate sobre comida local. Vai ter uma colega nossa que vai falar sobre o Pinhão, uma grande pesquisa que ela fez. Outra que vai falar sobre comida quilombola, que é muito interessante, e o Marcelo, vai falar sobre a comida caiçara, e depois nós vamos fazer um debate, uma discussão, uma espécie de *Slow food* de arena. Então, Bruna, o *Slow food* faz parte da nossa vida. Uma questão de dois anos e meio, e é muito interessante, é muito dinâmico.

B.S.: Professor, qual é a relação que os professores da Universidade Federal do Paraná tinham com a ANPUH?

C.R.A.S.: É interessante, pois desde a época em que nós entramos no departamento, no final dos anos 60, início dos anos 70, a ANPUH tinha sido recém criada. E ela era praticamente uma conquista dos historiadores, independente das suas cores políticas. A ANPUH era um espaço de muita agregação. E a ANPUH, foi criada muito por inspiração de colegas da USP. Muitos deles já morreram, mas colegas da USP, no final dos anos 60, 69 ou 67, foi a primeira ANPUH, eu não me lembro mais. Mas de qualquer maneira a ANPUH foi muito importante, uma vez que, ela

trouxe consigo um espaço de discussão, de debate em que as pessoas apresentavam as suas pesquisas etc. Então, isso passou a ser muito divulgado. Acontece que a ANPUH, pelo fato de ela ter essa repercussão, começou também a aceitar trabalho de estudantes. Aí, um grupo mais conservador da ANPUH, como o caso da professora Cecília e outros colegas, eles eram contra isso. Então teve uma ANPUH em Florianópolis em que havia uma discussão, sobre se os estudantes continuariam participando, ou se ficaria só por conta dos professores pesquisadores. E a decisão foi que a ANPUH deveria ser aberta. E aí esse grupo, ligado pela Cecília, rasgou o estatuto da ANPUH e se retirou da ANPUH criando a SBPH. Que nem sei se existe ainda, Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Então ficaram dois grupos, a ANPUH e a SBPH, eu acho que a SBPH viveu enquanto a Cecília viveu, não sei... Agora, a ANPUH continua. E a ANPUH é o nosso espaço de representação. É importante você saber que depois de 1985, 86 a ANPUH deixou de ser a única entidade de representação de historiadores do ponto de vista acadêmico e intelectual. Também teve a SBPH. Então aqui no nosso departamento tinha gente ligada à ANPUH, a maioria. E alguns ligados a SBPH. E assim foi em vários departamentos de história do Brasil.

B.S.: Professor, e sobre as reuniões da APAH, o senhor sabe se havia documentações? Tinha atas?

C.R.A.S.: Sobre reuniões da APAH?

B.S.: Sim.

C.R.A.S.: Esses livros eu não sei, por que eu fui presidente. Fui o primeiro presidente, depois foi o Sergio, a Ana Burmester, quem pode te dar uma boa resposta sobre isso é a professora Roseli Boschilia, não sei que você a conhece?

B.S.: Conheço apenas de leituras.

C.R.A.S.: Pois é, você deveria conversar com ela, por que a Roseli foi presidente da APAH durante alguns anos. Penso que ela que tem essa documentação. Quando a APAH fez 30 anos em 2010, teve um evento aqui, eu fui chamado. E lá houve referência a esses livros. Portanto, eu acho que você deveria procurar a professora Roseli Boschilia, que ela vai te dar uma pista, de onde estariam estes livros.

B.S.: Professor, o senhor poderia fazer uma avaliação da APAH para a produção historiográfica aqui no Paraná?

C.R.A.S.: Eu acho que ela foi fundamental, por que a Revista expressou e expressa muitas vontades, desejos de pesquisa em áreas bastante interdisciplinares. Como é o espírito de um historiador e dentro de uma história, de uma nova história com novas concepções. Como eu comentei com você agora pouco. Então, ligado a isso o Programa de Pós-Graduação. O Programa de Pós-Graduação, de graduação, mas principalmente, o Programa de Pós-Graduação, ele foi, digamos assim, uma expressão da Associação Paranaense de História. Hoje ela é praticamente o departamento

de história. Ela deixou de ser uma entidade de representação, e passou a manter um espaço de produção da revista. Então a APAH existe em função da revista. Pois a Revista é uma expressão de desejos, de várias vontades em publicar trabalhos. Então hoje, quando se fala em APAH, tem que se falar na revista e no Programa de Pós-Graduação, isso é importante. Claro que a APAH continua participando, dando apoio, etc. Mas na prática ela não é mais uma entidade de classe, não é mais uma entidade de representação. Ela hoje é uma revista. Ela se expressa através de uma revista, ligado ao Programa de Pós-Graduação em História.

B.S: E desse grupo fundador, da década de 80, o senhor já falou um pouco. Como o senhor vê esse grupo fundador da Associação, da década de 80?

C.R.A.S.: Que eu estava inserido. Como eu disse pra você, Bruna, diante da conjuntura política, diante também, de um momento de profunda transformação, de radicalização mesmo, do que a gente chama de as novas concepções metodológicas da história etc. Penso que esse grupo que resolveu construir a APAH, diante de todas as condições políticas, acadêmica etc, foi um grupo que ousou. Havia desafios, enfrentamos os desafios. Muita ousadia pra criar todo esse espaço que na verdade não tinha. Não era um espaço criado num momento de franqueza democrática, pelo contrário, até sofriamos consequências, pelo fato de ter essa postura, nova, revolucionária para época. Então esse grupo que criou. Um grupo de diversas pessoas que expressavam a diretoria, que era eu, o Sérgio, a professora Judite, a professora Roseli Boschilia, Isabel Corsão... um grupo.

Era um grupo que tinha plena consciência do que estava fazendo. E que sabia também dos problemas, das ameaças, mas que resolveu enfrentar toda uma situação. E o resultado está aí! Você tem a expressão da APAH através de 58 revistas, muito consideradas pelas avaliações acadêmicas etc. Que é uma coletânea mais antiga no campo da história no Brasil é a revista da APAH, é a mais antiga! Então em síntese eu acho que é isso.

B.S.: Professor, muito obrigada, fico muito feliz com a entrevista.

C.R.A.S.: Bruna, eu estou à disposição, quando você quiser alguma coisa, me ligue, me mande email...

B.S.: Agradeço e finalizo esta entrevista às 10 horas e 26 minutos.